

As neurociências e o sujeito do inconsciente¹

Miquel Bassols

Agradeço aos colegas do Instituto do Campo Freudiano em Granada e da Escola pelo convite. Faz muitos anos que trabalhamos juntos e é sempre um prazer estar aqui com vocês.

Quando me pediram para propor um tema, me ocorreu de imediato algo em que já trabalho há algum tempo: uma revisão do estado atual das chamadas neurociências à luz da orientação psicanalítica, assim como uma consideração da posição da psicanálise a respeito da ciência atual. Creio que é um tema muito importante porque a relação entre psicanálise e ciência não é algo simples. Lacan² disse claramente que a psicanálise não é uma ciência, mas uma prática que não poderia ter nascido sem a ciência. Verificamos agora - este é o ponto no qual quero centralizar minha exposição e o debate - que a psicanálise tem muito a dizer sobre uma certa deriva da ciência atual, que costumamos chamar de cientificismo e que é uma espécie de extensão dos pressupostos da ciência a qualquer âmbito do humano.

Os próprios cientistas estão absolutamente divididos a esse respeito. Vemos muito claramente essa divisão especialmente no campo das neurociências. Gostaria de orientar minha exposição hoje sobre isso, porque na realidade, as neurociências tomaram as orientações do cognitivismo ou das ciências cognitivistas, como as chamamos hoje, como referência e suporte científico para fundar sua posição. Tentarei esboçar rapidamente que não há nada mais incerto do que isso quando se estuda seriamente

os autores atuais das neurociências. O problema é muito mais complexo do que geralmente se supõe.

Em todo caso, é certo que assistimos hoje a uma espécie de expansão generalizada dos efeitos da ciência sobre o humano, como lhes dizia, e há problemas uma vez que a própria ciência não pode pensar sobre seus efeitos no humano. Martin Heidegger já disse que a ciência não pensa, no sentido forte de pensar qual é o sujeito sobre o qual produz seus efeitos. Há poucos cientistas que se colocam a pergunta; um deles é um colega da Galícia que temos encontrado ultimamente, um cientista realmente notável, excelente, Javier Peteiro Cartelle, que escreveu o livro *El autoritarismo científico*³, e que põe em dia justamente o debate atual da ciência, uma vez que essa ciência não chega a pensar os efeitos que produz sobre o sujeito.

Javier Peteiro fala precisamente do cientificismo - ou seja, da ideologia que é transmitida não só pelos meios da comunicação, mas também nas universidades - que se funda em um reducionismo mecanicista, no qual todo humano seria explicável por um mecanismo físico, genético ou neurológico. Nem a física contemporânea pode sustentar esse pressuposto. Se consultarmos os textos fundadores da física moderna, a própria ideia de uma causalidade mecânica e física é questionada; no entanto, isso não impede que a ideologia, mais ou menos habitual, de que há um determinismo físico que pode explicar as condutas e as posições de um sujeito, passe ao domínio público. Segundo essa ideologia, todo âmbito subjetivo teria uma causalidade mecânica.

Hoje encontramos especialmente dois campos no quais se funda essa ideologia reducionista: um é a genética e o outro é a neurociência, o campo do neuronal. Na semana passada, aparecia na primeira página dos jornais: "Foi descoberto o gene do suicídio". É apenas um exemplo. Se falarmos com um geneticista sério, a primeira coisa que ele

diria é que se trata de uma total estupidez; não há como sustentar tal afirmação a partir da genética atual. Não é possível sustentar, por exemplo, que existe uma causalidade genética de uma grande quantidade de doenças mentais. Há muito poucas doenças chamadas de gene, ou seja, causadas diretamente por uma alteração genética; a maior parte são poligenéticas ou sempre são dependentes do meio, do ambiente. Em todo caso, afirmações desse tipo, como as que lemos nas primeiras páginas dos jornais - citei essa, mas não faz muito tempo, lemos outro exemplo sobre "a causa genética do autismo", o que não está absolutamente verificado e tampouco demonstrado. Essas afirmações fazem parte do que podemos muito bem chamar de sensacionalismo científico. Ou seja, são afirmações sem fundamento, pois, se consultamos as fontes, percebemos que, de fato, as coisas são muito mais complexas.

A respeito ao autismo, estive trabalhando em uma comissão para tratar especialmente deste tema no parlamento da Catalunha e comprovamos que não há nenhuma evidência científica que há uma causalidade genética do autismo. O autismo é cada vez mais enigmático, algo cujo espectro de fenômeno se amplia cada vez mais - por isso é chamado agora de transtorno do espectro autista, porque vai ampliando cada vez mais seus fenômenos -, mas em nenhum momento foi encontrado e nem se irá encontrar uma causalidade genética direta.

No campo das neurociências, que é outro grande campo no qual esse determinismo físico entrou, também encontramos afirmações como: "Foi descoberta a zona cerebral na qual se situam os sentimentos religiosos", por exemplo, ou "os escaneamentos por imagens da ressonância magnética, de fato localizam tal sentimento". Tudo o que responderia à posição do humano teria sua localização nessa espécie de novo livro da vida, que seria o genético e o neuronal. Há um tipo de *mapping*, para usar o termo dos cientistas, ou seja, um

escaneamento ou uma topografização de todo o humano que poderíamos encontrar no real do neurônio ou do gene.

Trata-se do que poderíamos chamar, a partir da psicanálise, de fantasia da época, ou seja, a ideia de que haveria uma espécie de causalidade mecânica do humano. A técnica realmente tem influenciado muito nesse campo. Estamos totalmente rodeados por aparatos técnicos e mecânicos que simplificam muitas coisas para nós, e também, às vezes, complicam muito, mas que de qualquer forma, nos induzem imediatamente à sugestão de que o mecânico governa nossas vidas. Portanto, a fascinação em reduzir sujeito a uma máquina se tornou muito presente na atualidade. Não esqueçamos, no entanto, que tal fascinação tem sua história. A ideia de que o corpo humano e o cérebro, em especial, seria um sistema cibernético, é um dos pressupostos de uma parte das neurociências atuais. Dizemos uma parte porque, como veremos, os cientistas sérios afirmam que o cérebro nada tem a ver com um sistema cibernético; é algo muitíssimo mais complexo do que essa ideia louca de reduzir o sujeito a um sistema cibernético, a um computador.

Mas esse fascínio pelo mecânico vem efetivamente de muito longe. Na realidade podemos rastrear tal fascínio desde o século XVIII quando de La Mettrie escreveu um livro intitulado *O homem máquina*⁴, e que de alguma maneira, na sombra do que eram os chamados cientistas da época, pensava que se podia reduzir a pessoa, o sujeito, a uma máquina, que o modelo final do que era uma pessoa seria um autômato - poderíamos chegar a ser autômatos como pessoas. Este continua sendo o sonho de muitos cientistas atuais. A partir do debate frequente com estudiosos da física e das neurociências, pude constatar que a ideia de que se poderia finalmente chegar a ser uma espécie de androide, que não se distinguiria do que é um sujeito consciente, é um sonho amplamente difundido no cientificismo atual, mas que tem

sua origem, não esqueçamos, no século XVIII, no homem máquina.

O mecanismo do autômato é uma fascinação que Freud mesmo já analisou em um texto muito bonito, *O estranho*⁵, *Unheimlich* em alemão, no qual Freud se refere aos contos do autor E.T.A. Hoffmann. Neles a figura do autômato é muito frequente e sempre aparece uma espécie de fascinação, mas ao mesmo tempo uma relação sinistra, por uma máquina de aparência tão humana, que finalmente poderia ser confundida com uma pessoa. É uma boa pergunta: por que essa figura do autômato nos fascina tanto? Podemos fazer a mesma pergunta ao tratar de um tema atual: por que produz tanta fascinação pensar, por exemplo, que o sentimento religioso seria causado por certa relação bioquímica dos neurônios, em determinada área do cérebro, como afirmam alguns neurocientistas atuais? É uma fascinação que se relaciona, e para isso recorreremos à ideia de Lacan do Estádio do espelho, com a fascinação pela imagem especular produzida pela relação que temos com o nosso corpo. Vemos que isso tem a sua história.

Em todo caso, no princípio do século XXI, tal fascinação é claramente sustentada e promovida pelo campo traçado pelas neurociências. Pode-se perguntar, de forma muito correta: por que incluir o termo ciência à neurologia, como se esta não tivesse, todavia, uma entidade clara de ciência? A verdade é que, após ler muitos textos, podemos nos dar conta de que a própria neurociência tem dificuldades de se sustentar, ela mesma, como uma ciência fora da biologia ou da física. Isso quer dizer que tampouco é muito claro que a neurociência possa se constituir como ciência com seu objeto particular e distinto.

Em todo caso, como assinalava Jacques-Alain Miller, Diretor do Instituto do Campo Freudiano, em seu curso em Paris, o termo *neuro* foi convertido hoje em dia em um significante mestre, ou seja, um significante que explica

quase tudo. Hoje se fala não só de neurociências, mas também de *neuromarketing*, *neuroética*, *neurocultura* e também de *neuropsicanálise*. Seria preciso ver por que estranhas vias alguns psicanalistas se extraviaram para tentar se incluir nesse campo. Em todo caso a *neura* está generalizada, vale o equívoco da palavra. Realmente vemos que o termo *neura* surge como uma etiqueta de garantia de uma falsa ciência. Assim, uma etiqueta conferida em nome da ciência em um produto lhe dá garantia. Isso é correlato ao que os psicanalistas chamam de sujeito suposto saber. Os termos *neuro* ou *neura* cumprem hoje essa função de indicar que há nisso um saber seguro. Sabemos da importância dos avanços técnicos, que não são tanto avanços científicos, mas avanços da própria técnica. Um exemplo é a técnica da imagem por ressonância magnética, os fMRI, imagens por ressonância magnética nuclear funcional, essas imagens coloridas, tão frequentes nas páginas dos jornais, que permitem detectar determinada atividade neuronal. Na verdade, é muito dizer "atividade neuronal"; na realidade o que as imagens da ressonância magnética permitem visualizar é certa afluência de oxigênio às células nervosas, o que indicaria uma atividade neuronal, um pensamento vinculado ao que o sujeito está experimentando naquele momento.

Tudo isso é um rodeio enorme em torno do que a manchete do jornal ressalta, ao dizer: "Detectamos o lugar onde está o sentimento religioso no cérebro". O importante é nos darmos conta de que há um salto enorme entre o que se chama *atividade neuronal* e o que podemos chamar *atividade psíquica*.

Acrescento, ainda a respeito das afirmações toscas que são publicadas na imprensa, uma notícia que um colega de Valência me enviou pelo correio eletrônico. Vou ler, porque é muito engraçada. Eis a notícia, publicada na revista *Neuroimage*, sobre uma demonstração científica, testada com todo tipo de provas, estudo duplo-cego, estatísticas

necessárias, comprovações e verificações: "A voz feminina esgota o cérebro do homem: um estudo científico detectou que a incapacidade de um cavalheiro de manter a atenção no que uma mulher diz tem fundamentos científicos". Não é uma piada, é algo que foi apresentado num congresso. Um certo professor Michael Hunter, da Universidade de Sheffield, relata que após muitos estudos feitos com muitas mulheres e de ter escaneado múltiplos cérebros de diversos homens, de tê-los submetidos ao monólogo ou diálogo com mulheres, foi finalmente constatado que a voz feminina esgota o cérebro do homem, e que há sinais no cérebro de que algo da consistência neuronal do cérebro masculino se desfaz. Segundo M. Hunter, "as mulheres têm uma voz natural com sons mais complexos", o que influiria na sua capacidade de esgotar o cérebro do homem. Apareceu, suponho, na primeira página ou talvez na contracapa dos jornais esses dias. Uma notícia que provoca imediatamente uma fascinação enorme, porque toca em algo da relação entre os sexos, do sentido da relação do sujeito com o mundo, mas que utiliza essa falsa causalidade atribuída a um mecanismo supostamente demonstrado cientificamente. Direi, além disso, que este artigo é totalmente injusto com a psicanálise, porque é preciso recordar que a psicanálise foi descoberta e originada precisamente por um homem, Sigmund Freud, que teve, não só paciência, mas também coragem de se deixar ensinar, especialmente por mulheres histéricas, que lhe explicavam seu sofrimento que não era redutível ao orgânico. Diríamos que Freud seria a primeira contraprova dessa suposta prova científica. Era um homem excepcional, como dizia Lacan, um homem de seu século, um homem de desejo. Não era um cocainômano, como alguém poderia dizer. Foi alguém que experimentou a cocaína e fez experimentos com ela no tratamento da neurose. Freud era um neurologista, não podemos nos esquecer disso.

Temos que perceber que a primeira teoria neurológica delirante foi a freudiana. Vou falar disso precisamente porque temos que saber ler, nos dias de hoje, o *Projeto para uma Psicologia Científica*⁶ de Freud de 1895. Freud foi o primeiro, depois de Ramón e Cajal⁷, a levar muito a sério algo que, atualmente Antonio Damásio⁸, Christof Koch⁹ e toda uma série de cientistas atuais continuam pensando. Trata-se de uma posição pré-psicanalítica de Freud: a ideia de que a linguagem e as representações estariam inscritas nas redes neuronais. Essa era uma ideia que Freud sustentava em 1895. Temos que ler esse texto agora, porque, à luz das ciências atuais, ele tem muito valor. A ideia freudiana era, por exemplo, que o neurônio *a* teria tal representação de uma experiência traumática do sujeito e se vincularia ao neurônio *b*, que representava tal acontecimento da família do sujeito, e assim, por uma combinatória neuronal, se produziam certos sintomas. Todo o *Projeto para uma Psicologia Científica* está atravessado por essa ideia. Freud trabalhou muito sobre essa ideia e, além disso, à medida que ele ia investigando, foi descobrindo as leis simbólicas de deslocamento e de condensação, o que chamamos de metáforas e metonímias, que explicavam certas produções sintomáticas, partindo da hipótese de que os sintomas tinham uma base neuronal. Uns anos depois, Freud¹⁰ envia uma carta a seu amigo Wilhelm Fliess, onde diz: *Isso é um delírio*. Ele se deu conta rapidamente que era um delírio supor que a linguagem e a representação da linguagem estavam inscritas nas redes neuronais. Freud abandona essa hipótese, deixa-a na gaveta. Porque a deixou na gaveta, constrói, na *Interpretação dos Sonhos*¹¹, seu primeiro modelo de aparelho psíquico de uma maneira um pouco rudimentar. Certamente isto não permanece assim com Lacan, para quem esse aparelho psíquico tem, claramente, um fundamento de linguagem. No entanto, não podemos esquecer que Freud partiu, precisamente, da ideia neurocientífica,

ainda atual, de que os neurônios eram o real que sustentava e suportava os sentidos assim como as experiências subjetivas. Ter de abandoná-la logo foi, eu diria, uma certa decepção para Freud diante do horizonte científico de sua época, uma vez que Freud efetivamente, como filho de sua época, pensava que as ciências naturais era o lugar no qual a psicanálise teria seu assento. Apesar disso, ele imediatamente se deu conta de que havia uma distância entre o sujeito e o suporte neuronal, descobrindo assim, precisamente, o sujeito do inconsciente.

Estamos agora em um debate interessante porque um autor, Mark Solms, tem demonstrado que todos os conceitos freudianos: o inconsciente, o consciente, o pré-consciente, o eu, o isso, o supereu, estão claramente localizados no sistema nervoso central. Ele tenta demonstrar isso, apresentando todo tipo de provas, observações e verificações, inclusive estatísticas, em sujeitos distintos. Mark Solms é conhecido nas neurociências e criou uma corrente, a neuropsicanálise, colocando Freud, diríamos, demonstrado pelas neurociências atuais. Sua hipótese implica que cada representação da vida de um sujeito estaria inscrita em uma parte do cérebro.

Há diversas hipóteses sobre algo que, no debate atual das neurociências, é o mais importante: uma parte das neurociências se chama localizacionista, pois pensa que as funções subjetivas estão localizadas em alguma parte do cérebro; outra parte, a mais interessante e com a qual a psicanálise pode realmente dialogar, está descobrindo que, por várias razões, não há possibilidade de localizar as funções subjetivas no sistema nervoso central.

Alguns autores de referência nessa descoberta são Gerald Edelman, prêmio Nobel, e Giulio Tononi, um psiquiatra que têm trabalhado temas da neurociência de forma muito precisa. Eles situaram uma primeira objeção de princípio: não há lugar no cérebro para armazenar, como se

fosse um disco rígido, tudo o que foi a experiência subjetiva na vida de uma pessoa. É um problema quase físico, digamos. Não haveria lugar, material, para que isso pudesse se produzir. Formulam então algumas hipóteses interessantes para mostrar, finalmente, que a consciência e a memória são processos que não podem ser localizados no cérebro. É claro que o cérebro é uma condição indispensável para que haja memória, mas não pode ser condição suficiente para explicar a lógica da memória e da consciência de um sujeito.

Edelman e Tononi têm um excelente livro que recomendo, especialmente aos psicanalistas, porque muitos psicanalistas não estão muito atualizados. É preciso conhecer este livro, *A universe of consciousness*¹², cuja tradução foi "O universo da consciência"; esta tradução não foi muito feliz porque não é tanto assim, seria mais adequado dizer "Um universo de consciência". Eles dizem coisas que nos interessam, como por exemplo: "e se nossas respostas", ao problema da consciência e da memória, "se baseiam na suposição de que a consciência surge dentro da ordem material de certos organismos, queremos deixar bem claro que não consideramos que a consciência, em toda a sua plenitude, surja unicamente do cérebro. Cremos que as funções superiores do cérebro precisam interagir com o mundo e com outras pessoas". Isso é dito na introdução desse estudo realmente importante sobre a consciência e as funções subjetivas no sistema nervoso central, no qual aparece imediatamente como fundamental a ideia de que nenhum dos processos neuronais e biológicos poderia funcionar sem interação com o mundo e com as outras pessoas.

Essa frase vai ser fundamental em todo o trabalho deles. Podemos perceber para o que isso aponta no final; isso já introduz o que, para a orientação lacaniana, para a psicanálise com Lacan, é a função do Outro. A função do

Outro com maiúscula. Ou seja, é o pai, a mãe, a cultura, o Outro social, a família, etc. que vai implementar, ou não, essas funções subjetivas no suporte biológico de que se trata. Isso é muito importante atualmente, por exemplo, na clínica do autismo, na qual verificamos que a maior parte dos autistas, cerca de 90%, que passam pelos serviços de neuropediatria, tem seus *scanners*, suas ressonâncias magnéticas, absolutamente normais.

Não há como explicar atualmente o autismo e a clínica do autismo com uma hipótese neurológica ou genética. No entanto, podemos começar a explicá-la partindo do lugar do Outro. Não só a mãe ou o pai, mas também a família, o contexto, a cultura - tudo isso que esses autores colocam como a interação "com o mundo e as outras pessoas", ou seja, a interação com o Outro - implementa ou deixa de implementar certos fenômenos subjetivos fundamentais que produzem sintomatologias diversas.

Portanto, o que já podemos deduzir dessa ideia de Edelman e Tononi, é que o sistema nervoso central é necessário, mas não é suficiente para as funções subjetivas. O Outro, a dimensão do Outro e do inconsciente no sentido freudiano, é necessário, ainda que não seja suficiente. Por outro lado, não está nada claro, nem para um neurologista nem para um biólogo, onde começa o entorno, onde começa o mundo, onde começa a realidade circundante e onde termina o indivíduo ou o organismo. Esse é um grande problema que a biologia atual ainda não resolveu, como muitos outros.

Há dois problemas atuais da neurociência que Edelman e Tononi vão rodear, justamente os problemas que a psicanálise está delineando. Primeiro: o que é a consciência? O que é ser consciente? E segundo: O que é a linguagem? Onde está a linguagem? Há também, supostamente, muitas teorias localizacionistas, desde Broca¹³, que têm tentado localizar a linguagem em múltiplas partes do

sistema nervoso, mas não de maneira satisfatória. Há alguma coisa na linguagem que resiste a ser localizada em uma função orgânica. Há um longo debate interessante a propósito disso que vem desde Chomsky e se estende a Lacan. Podemos falar disso depois, mas em todo caso é certo que nada na linguagem pôde se localizar claramente em uma função orgânica ou neuronal. Portanto são dois problemas: ser consciente e ser falante, ser um sujeito habitado pela palavra. Estas são, diríamos, duas zonas da topografia neuronal que estão *obscured by clouds*, ou seja, escurecidas pelas nuvens, pois não podem ser localizadas numa topografia.

O interessante é que Edelman e Tononi apontam que a consciência nos parece algo muito evidente, que todos sabemos de imediato dizer bem: "sim, sabemos o que é ser consciente". No entanto, é muito difícil explicar como somos conscientes de algo. Isso resiste a uma explicação. A única maneira que se tem de explicar isso é pela negativa, ou seja, sabemos o que é ser consciente quando perdemos a consciência, por exemplo, quando dormimos e quando acordamos. Quer dizer que a consciência imediatamente aparece como um fenômeno intermitente, como algo que não está assegurado em sua continuidade, mas que só se faz presente através de suas ausências.

Edelman e Tononi são autores que tomo como os mais significativos e atuais nas neurociências, para ver um pouco o que se passa no momento atual nesse campo. Antonio Damásio, de quem direi algo adiante, talvez seja mais *best seller*, midiático dentro do campo das neurociências. Retomando o que dizem: a ideia que Edelman e Tononi adotam é que a consciência e as funções subjetivas não são um objeto, mas sim um processo e, desse ponto de vista, são um possível objeto científico que, no entanto, não se deixa apreender pela observação. É um processo, é claro, e quando falamos de um processo já não é algo que se pode objetivar

tão facilmente. É algo emergente. O que também se dizia em relação à realidade, numa orientação que visa distinguir o processo do que seria um objeto claramente observável de forma empírica.

Passo por alto um dos conceitos mais complexos que há hoje nas neurociências: os famosos *qualia*. Os *qualia* são as funções subjetivas singulares. Por exemplo: o que faz com que, para uma pessoa, a dor seja dor, o vermelho seja vermelho ou uma lembrança tenha tal intensidade não comparável com aquela de outro sujeito. É algo tão singular que não haveria maneira de traduzi-lo em outra linguagem que não seja por este termo, *qualia*. Há um grande debate atualmente sobre o estatuto dos *qualia* e da realidade em torno dos *qualia* no sistema nervoso central.

Vou tomar os parágrafos finais desse importante estudo de Edelman e Tononi, do início da década de 2000: "há um ponto fascinante aqui e agora, que diz respeito à exaustividade do empenho científico. A questão é se todas as relações com significado advêm da consciência, constituem objetos de estudo científico. Pensemos, por exemplo, nas orações com significado de linguagem normal ou melhor ainda, nas manifestações poéticas representadas por humanos conscientes e sencientes", quer dizer, pensemos o que são as produções de sentido, as produções de linguagem ou aquilo do que, finalmente, uma pessoa sofre quando vem nos procurar para uma consulta. "Nossa conjectura é que não são objetos adequados para estudo científico, salvo em um sentido trivial". Isso quem está dizendo é um cientista de alto nível. Repito: "Cremos que não são objetos adequados para estudo científico, salvo em um sentido trivial". Eles prosseguem: "Seu significado e descrição contam com um grande número de padrões históricos únicos, múltiplas referências ambíguas e, em caso de uma declamação poética, única", no caso, por exemplo, de um poema, "só se fundam em uma amostra comparável a nada".

Gostei muitíssimo dessa expressão, ou seja, nesse ponto cada sujeito é tão singular que é incomparável com qualquer outro. Isso não é dito aqui por um psicanalista, pois nós estamos continuamente afirmando isso. Edelman e Tononi é que estão afirmando isso aqui. Segundo eles, o que encontramos no reduto fundamental do subjetivo, no sistema nervoso central, é algo sempre incomparável de um sujeito a qualquer outro. E eles continuam: "para aprender seu significado se requer tanto a experiência fenomênica única, como a cultura passada na história de cada indivíduo que participe na manifestação". Quer dizer, em cada fenômeno subjetivo é necessário o desenvolvimento histórico de sua experiência, o que em psicanálise chamaríamos de história clínica detalhada, singular e intransferível. E, finalmente, Edelman e Tononi dizem: "a vida só adquire significado no caldo fecundo dos intercâmbios com o outro. Basta reconhecer, então, que alguns objetos com base científica não são objetos apropriados para o estudo científico".

Creio que é mais ou menos isso que se pode dizer sobre esse tema. Na realidade, creio que Edelman e Tononi estão dizendo o que boa parte das ciências cognitivas atuais não pode dizer, porque na verdade também não pode demonstrar, que a função subjetiva permanece claramente fora do marco científico atual. Portanto, temos duas possibilidades: ou tentamos reduzir a função subjetiva a um dado observável, biológico, aparentemente verificável e comprovável em dados como aqueles que eu lhes relatei, ou então aceitamos que quando se trata do sujeito, o sujeito que fala, o sujeito humano, algo escapa irreversivelmente à ciência atual, aos parâmetros da ciência atual, em todo caso.

É por isso, com efeito, que podemos dizer que a psicanálise não tem pretensão de ser uma ciência nos parâmetros atuais, porque reduzir a função subjetiva a esses parâmetros seria apagar do mapa o sujeito da sua

experiência, o sujeito do inconsciente. Ao contrário, o que Lacan propõe é que a psicanálise e o sujeito do inconsciente se localizam sempre como um ponto de não homogeneidade ao campo científico, como algo que sempre será exterior a esse campo. Lacan inventou um termo muito bonito, *extimidade*, para indicar que algo está tão no íntimo que finalmente se exclui desse universo e fica exterior, já que aquilo que é tão íntimo a mim mesmo por fim me escapa e me faz exterior. Seria um pouco assim a localização do sujeito no campo da ciência, de uma profunda extimidade.

Edelman e Tononi têm outras observações muito interessantes quando falam da memória, por exemplo. Chegam a dizer algo muito parecido com o que Freud dizia no *Projeto para uma Psicologia Científica*¹⁴: que a memória e a percepção se excluem. Não podemos pensar o aparato psíquico como um sistema cibernético, um disco rígido do computador, a não ser caindo no paradoxo também descrito por Jorge Luis Borges em seu conto *Funes, o Memorioso*¹⁵. Não sei se vocês lembram desse conto muito bonito de Borges: é sobre um sujeito que não pode se esquecer de nada e vai armazenando em seu disco rígido, seu cérebro, todas as percepções que ocorreram ao longo de sua vida. Estou dizendo todas as percepções - por exemplo, a de determinada folha de certa árvore que estava em tal posição, e que o vento modificou. Pois bem, pensar que cada parte dessa folha tivesse ficado devidamente inscrita em seu disco rígido é um pouco irreal. Seria realmente a redução de um sujeito a um sistema cibernético que pudesse inscrever toda a realidade em sua memória.

O inconsciente não tem, precisamente, nada a ver com isso. O inconsciente não é uma memória. É justamente algo que falta irreversivelmente na memória e só aparece como uma ausência. *Funes, o Memorioso* não é uma figura do inconsciente, mas a figura do inconsciente impossível, do

sujeito que nunca poderia esquecer e reprimir nada. Com certeza é uma tortura. Ao trazer a figura de *Funes, o Memorioso*, Borges descreve alguém totalmente torturado pela impossibilidade de esquecer, ou seja, pela impossibilidade de separar percepção e memória. Então, como estou dizendo, Edelman e Tononi fazem também esta observação muito freudiana, que aponta para essa divisão que, para Freud, fundou a noção de inconsciente.

Vou mencionar rapidamente outros autores que não me parecem tão rigorosos quanto Edelman e Tononi. Antonio Damásio já é um autor mais recente; ficou conhecido por um livro, *O Erro de Descartes*¹⁶, mas ultimamente escreveu um livro *Self comes to Mind*, que foi também muito mal traduzido como: *E o cérebro criou o homem*¹⁷. Não sei se o próprio Damásio deu autorização para essa tradução, que realmente é desfavorável, porque parece colocar o cérebro no lugar de Deus. Não é exatamente isso, mas é quase isso, pois coloca o cérebro no lugar do Outro absoluto que cria o homem, dando um lugar a ciência atual muito parecido com o da religião. Minha hipótese é que, ultimamente, o discurso científico, tal como aparece nas tecnociências atuais, se assemelha mais a um discurso religioso do que ao da ciência verdadeira, a ciência de Newton, a ciência que gerou inclusive a obra de Freud. É preciso dizer que essa tradução: *E o cérebro criou o homem*, já é uma hipótese divina, pois seria o poder do cérebro o criador de toda função humana.

O título em inglês é muito mais interessante: *Self comes to Mind*. O *self* não é o eu - Lacan criticou muito bem essa confusão nos psicanalistas da época - mas a sensação de si mesmo, a sensação de consciência que alguém pode ter. A questão é como o *self* chega à mente, que não é o cérebro. Esse é outro grande problema, a diferença entre mente e cérebro, ou seja, como alguém chega a ser consciente de si mesmo. A ideia de que é uma obra divina é religiosa. Não é

a ideia freudiana, e não creio que seja também a ideia da verdadeira ciência atual. Temos que poder dar outra versão disso, diferente da que esse título sugere: o cérebro criou o homem, como Deus criou o homem.

O *self* é esse sentimento de mim mesmo e finalmente se resumiria na ideia do eu. Aliás, a ideia do eu não é uma ideia tão simples assim. É como dizia a personagem Mafalda: por que a mim, justo a mim, coube ser eu? É um sentimento de individualidade, de subjetividade profunda, que às vezes é torturante para o sujeito, especialmente para o sujeito obsessivo. Para o sujeito histórico é diferente, pois ele sempre tem prazer de ser outro, encontra nisso satisfação. O sujeito obsessivo, no entanto, é precisamente o que sofre de sua identidade, o que chega à tortura obsessiva, pois não é nada simples, na verdade, explicar como essa entidade que chamamos de eu é gerada. Um menino autista, até onde sabemos, não tem essa entidade, esse sentimento de *self* que, por exemplo, permite brincar de esconde-esconde com os outros, porque, para brincar de esconder, é preciso que se tenha ao menos uma representação de si mesmo para se representar para o outro como presente ou ausente e, a partir daí, poder brincar de esconder. Há meninos psicóticos ou autistas que não podem brincar de esconder simplesmente porque isso não tem nenhum sentido para eles, uma vez que não foi gerada de forma alguma essa função subjetiva do eu, que é diferente do *self*. Por isso, Freud teve que dividir esse eu em uma parte consciente e uma parte inconsciente.

Em todo caso, Damásio vai encontrar muita dificuldade para localizar essa função do eu, que ele chama *self*. Tentando, na realidade, superar um dualismo cartesiano que ele critica, creio que ele cai em outro dualismo, do qual as neurociências atuais nunca estão livres: a ideia de correlato neuronal. Vou dizê-la de uma maneira muito rápida e simples. A ideia de correlato neuronal é a seguinte:

qualquer acontecimento subjetivo que ocorra num lugar terá seu correlato neuronal no organismo. Mas é um correlato, não é uma identidade, ou seja, não estamos em uma identidade de fenômenos, mas sim em uma duplicidade de fenômenos. Com isso, se apresenta de novo um dualismo entre o fenômeno psíquico e o fenômeno neuronal, sem que se possa identificá-los.

A operação de Damásio, no entanto, é muito interessante, porque ele tenta resolver o assunto dizendo que o sistema nervoso central não é uma entidade isolada no corpo, mas se estende, de muitas maneiras, à periferia do corpo. Corpo e sistema nervoso central, finalmente, não podem ser distinguidos. Tampouco se pode distinguir o corpo de seu entorno, de modo que Damásio se vê levado, finalmente, a uma ideia que é muito psicanalítica. No entanto, apesar de ler Freud e de respeitá-lo, porque sabe que Freud descobriu algo importante, ele não consegue chegar às consequências freudianas de entender que o eu, a constituição do eu, é uma extensão da superfície corporal através da exterioridade da imagem especular.

Há muitos momentos nesse livro em que aqueles que o lêem partindo uma perspectiva psicanalítica verão que Damásio está a um passo de ler o estádio do espelho de Jacques Lacan¹⁸. O estádio do espelho de Jacques Lacan supõe a ideia de que a criança constrói o seu eu não através de uma função biológica, mas sim através da relação com a imagem especular. É então a partir de fora que se constitui uma "identidade", entre aspas. Ou seja, é a partir de uma exterioridade que se constituiu minha interioridade. Essa exterioridade radical, que Lacan chama Outro com maiúscula, é fundamental em todos os processos subjetivos. É o que finalmente Freud chamou de inconsciente: o que vivemos como uma exterioridade radical, mas que habita em nosso interior mais íntimo.

Damásio, desafortunadamente, chega à concepção de inconsciente que se tem, atualmente, nas ciências cognitivas: o não consciente. Trata-se de uma falsa noção de inconsciente, pois o inconsciente freudiano não é o não consciente. Freud também disse muitas vezes que não se poderia definir inconsciente como o não consciente, mas como essa exterioridade radical que divide o sujeito em seu interior e seu exterior.

É importante também apontar a dificuldade que Damásio tem para localizar não só o *self*, mas também a linguagem no sistema nervoso central. Esse é um grande enigma, como lhes dizia no princípio. Há algum tempo venho revisando essa literatura; estou me dedicando a isso porque levo muito a sério as críticas que estão fazendo à psicanálise. Esse tema, por exemplo, é fundamental: onde está a linguagem? Onde situamos as palavras que dizemos? Damásio não chega a poder localizá-la. Ele tem uma teoria bastante ingênua, a teoria do *mapping*, ou seja, a ideia de que as representações da realidade são mapeadas, escaneadas pelo cérebro e guardadas, de alguma maneira, por certos processos, e que isso, finalmente, daria lugar a certas representações linguísticas.

Chomsky me parece, inclusive, mais coerente, ainda que não menos verdadeiro, quando localiza a linguagem claramente em uma sede orgânica. Em todo caso há aí algo que os próprios neurocientistas, toda uma parte deles, detectou muito bem. Por exemplo, Hacker¹⁹ me parece um autor a considerar de muito perto por falar da chamada falácia mereológica em toda essa série de estudos. Estou falando de neurocientistas que fazem uma crítica em seu próprio campo. Esse autor, por exemplo, aponta para algo muito interessante em uma série de afirmações que encontramos na neurociência e no cognitivismo. É o que se chama *falácia mereológica* e que consiste em atribuir a uma parte o que corresponde a uma totalidade. Por exemplo,

quando se diz "tal neurônio respondeu a tal questão", "respondeu a tal estímulo", ou "o cérebro decidiu por mim tal coisa", ou ainda "o cérebro pensa". Esse autor diz que se trata de uma falácia mereológica, pois estamos atribuindo a uma parte da pessoa algo que só é possível explicar em seu conjunto. Penso que esta observação é muito importante.

Há um debate muito interessante. Searle, que foi um linguista excelente e que agora estuda as neurociências, também entrou nesse debate. Os psicanalistas, através de Lacan, conhecem bem isso como o ponto em que situamos o sujeito suposto saber, que é precisamente supor um sujeito a certas instâncias, como por exemplo, uma célula, um neurônio, certa parte do cérebro. Cada vez que alguém diz "o neurônio respondeu", na verdade não está fazendo algo muito diferente do que faz um religioso, ao dizer: "Deus me inspirou tal coisa". Por isso, Lacan disse certa vez: na verdade, a psicologia é uma forma da religião atual. Pode parecer um bom achado, mas é verdade, porque cada vez que fazemos observações desse tipo, estamos supondo uma função subjetiva, algo do real que em nenhum momento pode ser equivalente a essa função. Dizendo de uma maneira mais simples: o fato do corpo reagir não quer dizer que é uma resposta em termos subjetivos. Para responder, para que haja resposta tem que haver pergunta, palavra e sujeito que interajam. Que algo reaja não quer dizer que responda.

Há outro estudo, que me pareceu mais caricato, mas também mais divertido, de um autor que quis demonstrar, num congresso, que a maior parte dos estudos de neuroimagem são claramente tendenciosos. Trata-se de uma experiência muito simples: ele perguntou a um salmão na peixaria três ou quatro coisas e escaneou suas reações biológicas. Passou isso para o programa em que estão observando atualmente a neuroimagem e, de fato, encontrou falsos positivos, como chamariam os autores ligados a isso. O falso positivo é que

o salmão estava respondendo sentimentalmente a frases que estavam lhe dizendo. Pode parecer uma loucura, mas não é. Isso é um estudo apresentado por um neurocientista, que diz: "cuidado, estamos delirando". Realmente, estamos delirando. Estamos atribuindo a certas partes do real, funções subjetivas que não podem ser explicadas pelo próprio real. Devemos recorrer à outra dimensão.

Há quatro ou cinco dias também descobriram uma coisa muito interessante nos estudos de neuroimagem: quando alguém se queima numa panela de pressão, reage da mesma forma que um sujeito que ouve de alguém que seu parceiro é infiel. No nível de neuroimagem, o resultado é exatamente o mesmo. Isso foi testado em diferentes sujeitos, com todas as provas, certamente obtidas a partir de todos os procedimentos estatísticos necessários. Tais estudos levantam um problema fundamental: em nenhum lugar biológico-neuronal vamos capturar o sentido, o significado de uma experiência subjetiva. Uma reação não é uma resposta subjetiva, uma reação é apenas uma reação. A reação é necessária para ter respostas, mas não é condição suficiente daquelas, a linguagem faz falta.

Vou começar a concluir a partir do que para mim é o ponto crucial do debate atual entre a psicanálise e a ciência ou entre a psicanálise e o cognitivismo. Esse debate remonta, como eu lhes dizia, ao debate entre Lacan e Chomsky. O problema é: onde se localiza a linguagem? No ano de 1953, em uma conferência, Jacques Lacan fazia, diante de um auditório, uma crítica às hipóteses localizacionistas da linguagem. Hipóteses que sustentam que a linguagem está localizada como uma função biológica ou mesmo genética, há quem o afirme. Ele dizia a mesma coisa que eu disse há pouco: os significantes que estou usando para comunicar algo, onde estão localizados? Ele dizia que podiam estar localizados na série de aparatos técnicos, inclusive os que estão transmitindo minha voz ao auditório ou em determinado

aparelho onde ela sendo gravada. Ou seja, a palavra está em suportes muito diversos. Mas, fiquem certos, estou considerando todos exteriores a mim, não necessariamente estou utilizando minha função cerebral para dizer que é o suporte do significante.

A primeira ideia freudiana foi nessa direção, mas Freud logo entendeu que era um delírio, e não persistiu nessa orientação. A linguagem, de fato, é a abordagem lacaniana da questão, pois a linguagem, o significante tem um suporte diferente do biológico. Este é o grande salto que precisamos levar em consideração para organizar esse debate entre psicanálise e ciência. O suporte da palavra e da linguagem introduz um novo real que não é o real orgânico, nem o real neurológico e tampouco o real genético. Na realidade, Lacan é muito claro a esse respeito: se vemos algo disso no real é porque, antes de termos assim, nós o introduzimos em nós mesmos. E se, por exemplo, podemos falar de código genético - o que na verdade não é a melhor expressão, porque não é um código - é antes porque introduzimos a linguagem no real, uma vez que no real a linguagem não está escrita. Quanto a isso, devemos distinguir dois reais, fundamentalmente distintos: o da psicanálise e o da ciência.

O real de certa parte da ciência - não falo *toda* porque, recentemente, cada vez mais estão descobrindo que há um real na ciência parecido com o da psicanálise - mas há então toda uma outra parte da ciência atual que crê - e digo crê, porque penso que se trata de uma crença e não de uma demonstração - que há um saber já escrito no real, no real genético e no real neuronal. Há algo que já está escrito. *Quem escreveu isso* é outro grande problema que se coloca com frequência. Mas o real da ciência é então um real que já tem algo escrito. Essa é uma associação que Lacan fez, nos anos 1970, e que reintroduz um debate que também estamos trabalhando agora.

Jacques-Alain Miller está elaborando justamente essa outra dimensão do real que a psicanálise introduz e que se define precisamente porque não há nenhum saber escrito nele mesmo. O real da linguagem, o real da palavra, o real da letra lacaniana, o real do sintoma, o real aninhado no sintoma não é um real que já tenha algo escrito como o real da ciência neuronal ou genético. É antes um real que Lacan definiu de uma maneira aparentemente paradoxal, mas muito interessante: ele definiu este real, dizendo que ele não cessa de não se escrever, o que é muito diferente. É um real que não só não está escrito, como também que *não* cessa de *não* se escrever.

Para não me estender demais, farei uma rápida uma referência clínica, porque tudo isso tem, evidentemente, consequências na clínica. Parto de nossos colegas de Madrid que trabalharam no momento do 11-M²⁰ em Madrid, nas redes de assistência às chamadas vítimas do atentado terrorista de 11-M. Nos estudos clínicos dos casos, havia algo que aparecia numa inusitada repetição e que nos chamou muitíssimo a atenção: os sujeitos que tiveram essa experiência brutal do atentado de 11-M diziam sempre algo idêntico, apesar de todas as versões diferentes: o que ocorreu foi terrível, mas o que retorna cada vez em meus sonhos, o que retorna cada vez na minha mente de uma maneira insidiosa, repetitiva e aquilo do qual não posso me livrar é *precisamente algo que não chegou a ocorrer*. Por exemplo, não pude chegar a ajudar a pessoa que estava ao lado ou se tivesse pegado o trem anterior, etc. Para cada sujeito, o traumático não foi o que ocorreu, mas, sim, aquilo que não deixava de não ocorrer.

Creio que é um testemunho excelente do que Freud chamou de trauma, pois para Freud, o trauma não é o que ocorreu como pensa uma vã psicologia. O trauma freudiano é precisamente aquilo que nunca ocorreu, mas que cessa de não ocorrer, da mesma maneira como este real se faz presente

para as vítimas do 11-M. Vemos bem aí que o real não é algo que estava escrito, é algo que não cessa de não se escrever.

Esse real só é tratável pela linguagem. Não é dizível por nenhuma ressonância magnética. Esse real, como disse na minha apresentação, só é abordável pela ressonância semântica da linguagem, só podemos tratá-lo pela palavra e pela linguagem. Se perdermos de vista essa dimensão, perdemos de vista o próprio sujeito e até o próprio objeto da ciência.

Vou concluir me inspirando, precisamente a esse respeito, em três versos de T. S Eliot²¹ que o próprio Javier Peteiro dá como exórdio em seu livro e que me parecem iluminar o caminho para uma crítica séria do cientificismo atual, como ele mesmo faz. Adapto-os de memória: quanto saber temos perdido em conhecimento objetivo; quanto conhecimento temos perdido em informação; se reduzimos o conhecimento à informação e o saber a um assunto de conhecimento objetivo, perdemos o mais essencial do sujeito humano e do tratamento dos seus sintomas.

Transcrição e tradução: Heloisa Shimabukuro

Estabelecimento de texto: Heloisa Caldas e Elisa Monteiro

¹ Conferência pronunciada no Instituto do Campo Freudiano, em Granada - ELP. Transcrição, tradução e estabelecimento do texto feito, graças a amável autorização do autor, a partir do vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JcFGnqJICAM>>. Acessado em 26/05/2015.

² LACAN, J. (1998[1966]). "Ciência e verdade". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

³ CARTELLE, J. P. (2010). *El autoritarismo científico*. Malaga: Miguel Gomes Editores.

⁴ LA METTRIE, J. O. (1981[1748]). *L'homme-machine*. Paris: Denoël.

⁵ FREUD, S. (1996[1919]). "O estranho". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

⁶ IDEM. (1996[1895]). "Projeto para uma psicologia científica". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. I. Op. cit.

-
- ⁷ Santiago Ramón y Cajal foi um médico e histologista espanhol. Considerado o "pai da neurociência moderna", recebeu o prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina de 1906. Ver em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Santiago_Ram%C3%B3n_y_Cajal>.
- ⁸ António Rosta Damásio é médico, neurologista, neurocientista português que trabalha no estudo do cérebro e das emoções humanas. Ver em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B3nio_Dam%C3%A1sio>.
- ⁹ Christof Koch é neurocientista americano, mais conhecido pelo seu trabalho com as bases neurais da consciência.
- ¹⁰ FREUD, S. (1986[1887/1904]). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887/1904*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- ¹¹ IDEM. (1996[1900]). "A interpretação de sonhos". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vols. IV e V. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- ¹² EDELMAN, G. M. & TONONI, G. (2000). *A Universe of Consciousness. How Matter becomes Imagination*. New York: Basic Books.
- ¹³ Pierre Paul Broca foi um cientista, médico, anatomista e antropólogo francês. O que lhe confere o seu lugar na história da medicina é a sua descoberta do "centro de uso da palavra" no cérebro (agora conhecida como a área de Broca), na região do lobo frontal. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Paul_Broca>.
- ¹⁴ FREUD, S. (1996[1895]). "Projeto para uma psicologia científica". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. I. Op. cit.
- ¹⁵ BORGES, J. L. (1943). "Funes, o Memorioso" In: *Ficciones*. Buenos Aires: Emecé.
- ¹⁶ DAMÁSIO, A. R. (1995[1994]). *O Erro de Descartes. Emoção, Razão e Cérebro Humano*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- ¹⁷ IDEM. (2011[2010]). *E o cérebro criou o homem*. São Paulo: Cia. das Letras.
- ¹⁸ LACAN, J. (1988[1949]). "O estádio do espelho como formador da função do eu". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- ¹⁹ BENNETT, M. & HACKER, P. (2005[2003]). *Fundamentos filosóficos da neurociência. Epigénese, Desenvolvimento e Psicologia - Instituto Piaget, Divisão Editorial, 2005*.
- ²⁰ Os atentados de 11 de Março de 2004, também conhecidos como 11-M, foram uma série de ataques terroristas cometidos em quatro comboios da rede ferroviária de Madrid, capital da Espanha. Ver em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Atentados_de_11_de_mar%C3%A7o_de_2004_em_Madrid>.
- ²¹ Onde está a vida que perdemos em viver? Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento? Onde está o conhecimento que perdemos em informação? ELIOT. T. S. (2014). *Coros de A Rocha*. Lisboa: Wooks, p. 23.